

O IMPERADOR D. PEDRO II NOS ESTADOS UNIDOS

CARLOS MARCOS GOMES BARBOSA*
Historiador

SUMÁRIO

Introdução
A viagem
Em terra
O centenário da independência e a exposição

INTRODUÇÃO

Acontecimento ímpar nos anais da História foi, nos idos de 1876, a visita, com prolongada estadia, de Sua Majestade Imperial D. Pedro II, Imperador do Brasil, aos Estados Unidos da América (EUA) no ano em que aquela

nação comemorava o centenário de sua Independência. Eminentemente personalidades da elite dominante daquele país, muitas das quais relacionadas com as cortes da Europa, ficavam fascinadas em saber que nosso tão digníssimo Imperador era descendente das altas linhagens monárquicas europeias de Bragança, Bourbon e, principalmente, dos

* Graduado pela Faculdade Vianna Junior (MG). Pesquisador de História Brasileira e Universal, com especialização em História Americana.

Habsburgo; esta última, naquele tempo, poderosa dinastia que regia os destinos do exuberante Império Austro-Húngaro.

A VIAGEM

O Imperador do Brasil viajou para os Estados Unidos atendendo a um convite especial e oficial do Presidente daquele país. A viagem foi programada cronologicamente de modo a permitir a presença de Sua Majestade ainda a tempo da abertura da Exposição Internacional de Filadélfia, comemorativa do Primeiro Centenário da Independência (1776-1876).

Nessa viagem histórica, D. Pedro fez-se acompanhar por sua esposa, a Imperatriz do Brasil, D. Tereza Cristina, filha do rei Francisco I, do Reino das Duas Sicílias, hoje parte integrante da Itália. Também integravam a comitiva imperial notáveis personalidades, como o conselheiro Luiz Pedreira Couto Ferraz, Barão do Bom Retiro, amigo de infância e fiel confidente de Sua Majestade; o médico particular da Família Imperial, Doutor José Ribeiro de Souza Fontes; Arthur Teixeira Macedo, formado e *expert* em relações internacionais; o oficial de alta patente da Marinha de Guerra brasileira Vice Almirante Joaquim Raimundo De La Mare; e Carlos Henning, poliglota e professor de idiomas estrangeiros. Seguiu também viagem com a comitiva imperial James O’Kelly, repórter do jornal estadunidense *New York Herald*, irlandês

de berço, que deveria cobrir jornalisticamente os diversos acontecimentos desde o primeiro minuto, quando da partida do Rio de Janeiro. Além dos senhores digníssimos cavalheiros, também o elemento feminino da corte de D. Pedro II estaria representado nessa excursão, pelas damas: Dona Josefina da Fonseca Costa (futura Baronesa da Fonseca Costa e, mais tarde, viscondessa), dama de honra e de companhia da Imperatriz; Dona Leonídia Loreto Esposel e Dona Joana Alcântara.

No porto do Rio de Janeiro, o magnífico navio a vapor RMS *Hevelius*, da empresa britânica Lamport & Holt, regular da linha Rio-Nova York desde 1845, desfraldando a bandeira vermelha e branca da empresa com as iniciais L & H e, ainda, ostentando na popa o nome *Hevelius* escrito acima da palavra *Liverpool*, sua cidade-base e de registro, deixou o seu ancoradouro com pon-

tualidade britânica, precisamente à 9 horas da manhã de domingo, 26 de março. No momento da partida, uma pequena multidão curiosa e entusiasmada, bastante alvoroçada, estava aglomerada no cais. Minutos antes da largada, a princesa regente, D. Isabel Cristina, e seu esposo, o Conde d’Eu, deixaram o navio. Sua Alteza Imperial viera despedir-se de seu pai e sua mãe e receber deles, como princesa regente que ficaria, suas últimas recomendações. Quando da partida, pequenas embarcações acompanharam o *Hevelius*, até a barra, limite marítimo interior-exterior da célebre Baía de Guanabara.



Imperador Dom Pedro II trajado de almirante.
Autoria do quadro de Angel Irrazabal

Escalas demoradas em Salvador, Recife e Belém iriam dilatar o tempo da viagem. O *Hevelius*, especialmente fretado para esse histórico evento, somente iria deixar o derradeiro porto brasileiro, Belém, na foz do Rio Amazonas, no dia 5 de abril, quarta feira; ou seja, 11 dias após zarpar do Rio de Janeiro. Dez longos dias de cruzeiro marítimo, no rumo noroeste, ainda separavam D. Pedro II e sua comitiva de Nova York.

Passava já das 11 horas da manhã de 15 de abril, um sábado ensolarado de primavera, o *Hevelius* ainda a 20 milhas a sudeste do Estreito de Narrows, cruzando ao largo de Sandy Hook, célebre banco de areia no litoral de New Jersey, quando se fizeram ouvir em frente uma série de estampidos surdos que ecoaram pela vastidão azul do oceano. Eram os canhões do Forte de Wadsworth, situado não muito longe dali, em Staten Island, a sudoeste de Manhattan, numa salva em homenagem ao Imperador do Brasil.

Como se sabe, salvas de artilharia constituem homenagem reservada a, entre outros, chefes de estado. E tal honraria se revestia de um caráter excepcional se considerarmos que a excursão de D. Pedro II aos Estados Unidos não era oficial. Muito apesar do convite oficial do Presidente Grant, o Imperador viajaria pelo país como cidadão ou turista comum. O sistema de vigilância litorânea havia já localizado e identificado o *Hevelius* desde 10h30 daquela manhã de sábado.

Depois de cruzar o Estreito de Narrows, famosa entrada do porto de Nova York o *Hevelius* foi abordado pelo USS *Catalpa*, barco auxiliar da United States Navy – a Marinha dos Estados Unidos. Do *Catalpa* subiram para o *Hevelius* os integrantes do comitê de recepção, liderado por Hamilton Fisch, secretário de Estado (cargo este correspondente ao de ministro das Relações Exteriores), representando o Presidente

dos Estados Unidos – Presidente Ulisses Simpson Grant, general do Exército nordesta, recebedor e signatário da rendição dos Confederados na Guerra da Secessão, exatamente 11 anos e seis dias antes). Além destes, apresentaram-se também o secretário da Marinha, George Robenson; o secretário da guerra, Alphonse Taft; o comandante-geral da Região do (Oceano) Atlântico, General Hank; e vários outros.

Após as apresentações, saudações e cortesias de praxe, o Imperador do Brasil foi informado de que a Corveta USS *Alert*, também da Marinha dos Estados Unidos, encontrava-se nas imediações e, já desfraldando a bandeira nacional do Brasil Imperial, estava pronta a receber a bordo Sua Majestade D. Pedro II e respectiva comitiva, para transportá-los apoteoticamente nas últimas milhas restantes até a chegada triunfal, em Manhattan. Entretanto, a modestia de D. Pedro II, já legendária, fez-se atuante mais uma vez. O Imperador, em uma resposta dada com muito tato, bem diplomaticamente suavizada por suas autênticas boas maneiras, informou que Sua Majestade tinha ficado no Brasil, e que ele, o cidadão brasileiro Senhor Pedro de Alcântara, viajava como turista comum. Assim sendo, declinava gentilmente o oferecimento do transporte de sua pessoa, da Imperatriz e dos demais acompanhantes a bordo da *Alert*. Um tanto desapontados, os americanos se despediram e se retiraram. Recordemos que a atitude do nosso Imperador era absolutamente coerente, de vez que a sua visita aos Estados Unidos não possuía caráter oficial.

Entrementes, a tripulação da *Alert* deixou de retirar a bandeira do Brasil Imperial que o navio desfraldava. Isso veio causar um certo mal-entendido, porquanto o navio da Marinha americana, já ao largo de Manhattan, era saudado pelos apitos estridentes dos outros barcos, cujas tripulações

julgavam que o Imperador do Brasil e sua comitiva estivessem a bordo.

Um outro incidente, um tanto insólito, teria lugar logo a seguir, a bordo do *Hevelius*. Ao largo da extremidade sul da Ilha de Manhattan, a ventania, que não reconhece ou não respeita as realezas, arrebatou o chapéu do Imperador do Brasil, e o objeto acabou indo flutuar nas águas poluídas do East River (Rio Leste). D. Pedro II, imperturbável, substituiu o chapéu perdido por um boné xadrezinho, de estilo inglês. Ficamos hoje a imaginar se, por acaso, algum plebeu que tivesse presenciado o fato recuperasse, de alguma forma, o chapéu e o vendesse por bom preço, como valioso *souvenir*.

No East River, o *Hevelius* fez uma curva à direita e manobrou para atracar na Doca Martin, no Brooklyn. Manhattan fica na margem oposta do rio, e a Ponte de Brooklyn somente estaria concluída e inaugurada em maio de 1883, ou seja, sete anos mais tarde. Tampouco existia naquele tempo a monumental Estátua da Liberdade*, marco inconfundível do porto de Nova York, que somente seria inaugurada em outubro de 1886, dez anos depois. E foi assim que o Imperador do Brasil e comitiva, já havia quase três semanas no *Hevelius*, cansados, portanto, de barcos, tiveram de se utilizar da Barca *Fulton* para se deslocar até a famosa ilha, coração da cidade de Nova York.

EM TERRA

Em Manhattan, o Imperador e a Imperatriz foram objeto de grande ovação popular, desfilando em carruagens no trajeto desde o Battery Park, pela Broadway, até a

Rua 33, onde ficava o Hotel Fifth Avenue (Hotel Quinta Avenida), estabelecimento em que tinham sido feitas as reservas de hospedagem do casal imperial do Brasil e seu séquito. Na fachada do hotel, uma grande bandeira do Brasil Imperial tremulava ao sol primaveril. Uma multidão de curiosos postara-se na entrada principal do hotel para assistir à chegada de tão ilustres hóspedes. Também ficariam desapontados. Muito discretamente, D. Pedro II e D. Tereza Cristina, cada qual portando uma pequena maleta, entraram furtivamente por uma porta lateral. No imponente saguão do luxuoso hotel, um telegrama de boas-vindas, assinado pelo Presidente dos Estados Unidos, esperava por D. Pedro II. Informados pouco depois de que Suas Majestades já se encontravam em seus aposentos, os curiosos foram, pouco a pouco, se dispersando. No Fifth Avenue Hotel, 13 suítes tinham sido já reservadas para a comitiva imperial.

O programa de fim de semana de D. Pedro II em Nova York foi intenso e estafante. O Imperador assistiu à peça *Henrique V*, encenada no Teatro Booth, tendo apreciado muito não só o espetáculo mas também a plateia. Nos passeios pela cidade, D. Tereza Cristina ficou particularmente encantada com o Central Park. Como todos sabem, a cidade de Nova York fica no Estado de Nova York, cuja capital é Albany. Cada estado norte americano possui um *nickname*, quer dizer, um segundo nome ou apelido, além do nome oficial. O Estado de Nova York é conhecido como o “Estado Império” (The Empire State). Para o Imperador D. Pedro II, esse *nickname* veio bem a calhar. Um Imperador no Estado Império.

Após um *weekend* pleno de felizes eventos na grande metrópole portuária,

* N.A.: A estátua está situada na pequena Ilha de Liberty, outrora Ilha de Bedloe, exatamente no Condado de Hudson, Estado de New Jersey, e não na próxima Ilha de Ellis, onde, volta e meia, escritores, repórteres e jornalistas descuidados costumam situar o monumento.

D. Pedro II e comitiva deixaram Nova York. Eram quase 7h30 da manhã de segunda-feira, 17 de abril, quando o trem deixou a plataforma de Erie Store, New Jersey, rumando para oeste, em demanda ao interior do imenso país. O Imperador e seus acompanhantes ocuparam vagões da célebre marca Pullman, que dispunha de luxuosas cabines privativas. Por motivos de saúde, a Imperatriz do Brasil, D. Tereza Cristina, não acompanharia D. Pedro nessa viagem, preferindo ficar, em companhia de suas damas de honra, aconchegada no conforto do hotel em Nova York, reservando suas energias para outros acontecimentos, brevemente vindouros.

No dia seguinte, terça-feira, 18 de abril, o trem fez uma parada em um dos maiores entroncamentos ferroviários do mundo (senão o maior), e que se chama Chicago. A grande cidade tinha, havia menos de cinco anos, sofrido um violento incêndio (outubro 1871) que a deixara em grande parte destruída. Os visitantes brasileiros ficaram admirados com o ritmo e a rapidez da reconstrução. Impressão registrada pelo Imperador do Brasil em seu diário: “Chicago é realmente uma cidade monumental”.

Ao retornar à estação da Union Pacific para reembarque, a comitiva imperial viu-se cercada por uma multidão assustadoramente ruidosa e turbulenta, que desejava ver o Imperador. A polícia teve de agir com energia para manter os manifestantes a certa distância e garantir a ordem, bem como a segurança dos visitantes.

Noutro dia, em Omaha, Nebraska (Estado cuja capital é Lincoln), o prefeito local mandou colocar uma caravana de carruagens à disposição dos visitantes da comitiva imperial, para um passeio pela cidade.

Em Cheyenne, capital do Wyoming, estado situado ao norte do País, fazendo divisa com Utah, a plataforma da estação ferroviária estava congestionada pelos po-

pulares, que aguardavam ansiosos quando o trem parou. Porém, quando D. Pedro apareceu à porta do vagão, a multidão abriu-se respeitosamente em duas alas, permitindo a passagem de Sua Majestade e comitiva. O jornal *New York Herald* publicou o seguinte comentário, sob o título “Nosso Imperador Ianque” (*Our Yankee Emperor*): “D. Pedro II é o primeiro imperador que vemos neste país imperial, onde todos se julgam imperadores”.

Uma das paradas mais interessantes foi em Salt Lake City, capital do Estado de Utah, situada em uma planície desértica, emoldurada pela visão imponente dos Montes Rochosos.

A cidade ainda não completara 30 anos de fundação, o que fora levado a efeito pelo líder religioso Brigham Young, sucessor de Joseph Smith, líder fundador, assassinado em junho de 1844, em Carthage, Illinois. Brigham Young ali chegara em julho daquele ano de 1847, à testa de uma caravana de 72 carroções, com menos de uma centena e meia de seres humanos resolutos. Esgotados pelas tribulações, vicissitudes e perseguições implacáveis, os mórmons deviam fixar-se e estabelecer-se definitivamente em um deserto terrível, árido, inóspito e isolado como aquele, para iniciar sua história de fato, cercados de esquecimento do tão hostil “mundo exterior”, com amplas garantias de privacidade, paz e proteção. Entretanto, não previram uma coisa: a “corrida do ouro”, que aconteceu nos anos seguintes. Os “Santos dos Últimos Dias” viram-se, mais uma vez, na contingência de ter que defender seu patrimônio nascente e seus direitos duramente conquistados. Acuados e invadidos por bandos de garimpeiros armados, aguerridos, que já chegavam agressivamente ávidos de cobiça pelas pepitas do metal amarelo, os pioneiros mórmons não tiveram outra escolha senão a de empunhar armas e trocar tiros para valer

com os invasores, numa guerra de fato, que lamentavelmente causou inúmeros feridos e baixas fatais de ambos os lados.

Nos dias da visita de D. Pedro II ainda não estava concluído o imenso e monumental templo matriz mórmon, em estilo eclético, que fora iniciado em 1853 e que somente seria finalizado em 1893, totalizando 40 anos de trabalho. O templo ostenta nada menos que seis colossais torres altaneiras, a mais alta de todas coroada por um anjo dourado tocando um clarim, como podemos apreciar nos dias de hoje.

Em compensação, o formidável Tabernáculo fora já terminado desde 1867, após o final da Guerra da Secessão. E foi no Tabernáculo que D. Pedro II e comitiva assistiram a um culto mórmon. O Tabernáculo, com sua abóbada imensa, que repousa sobre 44 sólidos pilares, possui um estilo arquitetônico muito avançado para sua época, o que mereceu elogios do pai da moderna arquitetura, Frank Lloyd Wright (1867-1959). Além do culto mórmon, o Imperador e seu séquito assistiram, na mesma cidade de Salt Lake City, a uma missa católica em que o padre, no sermão, atacou o mormonismo.

Na Califórnia, a comitiva visitou a capital do Estado, Sacramento. Mas reservou suas energias para San Francisco, da qual a “corrida do ouro”, nos últimos 25 anos, havia feito uma das mais luxuosas cidades do mundo. Naqueles dias, San Francisco era a maior cidade da Califórnia, e seus orgulhosos habitantes nunca poderiam imaginar, nem por um momento, que uma pequena, remota e poeirenta cidadezinha chamada Los Angeles, pouco falada, quase desconhecida, em nada significativa, iria um dia ultrapassar San Francisco em escala desmedida.

Retornando mais tarde pelo mesmo caminho, o Imperador e comitiva fizeram uma parada em Filadélfia (primeira capital dos

Estados Unidos, Filadélfia fica no Estado da Pensilvânia, cuja capital é Harrisburgh). Ali seria em breve inaugurada a *Expo*, ou feira mundial, comemorativa do Centenário da Independência dos Estados Unidos. Depois da transferência da capital para Washington, em 1800, Filadélfia voltou a ser capital nacional por um breve período (quem diria?), a partir dos últimos dias de agosto de 1814, quando tropas inglesas invadiram a região, atacaram, incendiaram e ocuparam Washington. Depois de Filadélfia, passaram por Pittsburgh, também na Pensilvânia, cidade situada na confluência dos rios Allegheny e Monongahela. Em Pittsburgh, esses dois importantes rios se unem para formar um terceiro também muito importante: o Ohio. O Imperador do Brasil realizou ainda uma pitoresca viagem em barco a vela para conhecer Annapolis, capital do Estado de Maryland, situada às margens da Baía de Chesapeake. Em Annapolis fica a Academia Naval dos Estados Unidos. Na mesma região, D. Pedro II visitou também Baltimore, idem, no Estado de Maryland. A seguir, Washington D.C. (Distrito de Columbia), a capital federal dos Estados Unidos da América, inaugurada em 1800, último ano do século XVIII.

No diário do Imperador está assim descrita a primeira impressão da capital dos Estados Unidos, registrada no interior do trem, quando este, chegando a Washington, transpunha o perímetro urbano da cidade: “7 de maio, 9 horas, quarenta minutos; aproxima-se Washington. Vejo ao longe o Capitólio. Belo descampado. Margeamos o (rio) Potomac. Passamo-lo...”.

Mais tarde, visitando o Capitólio, não somente o Imperador, mas também os demais membros da comitiva, ficaram admirados pela sua imponência. No dia 9 de maio foi a vez da visita à Executive Mansion (Mansão do Executivo), a residência oficial do Presidente dos Estados Unidos.—

(a denominação Casa Branca – White House era, então, desconhecida no século XIX e somente seria adotada no início do século XX, durante o período de dois mandatos do Presidente Theodore Roosevelt, quando a residência, tradicionalmente de cor cinza, foi pintada de branco). O Imperador e seus acompanhantes aguardaram no Salão Azul, até que o Presidente apareceu e convidou todos para o Salão Vermelho. Nessa outra dependência, foi realizada então uma recepção, em que as senhoras brasileiras e norte-americanas se confraternizaram.

O CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA E A EXPOSIÇÃO

A Data Magna da Independência dos Estados Unidos da América, 4 de julho, naquele ano de 1876, completando o seu primeiro centenário, foi comemorada dentro da tradição mais

extravagante possível, com grande queima de fogos, desfiles, fanfarras, bailes, danças populares, cerimônias e tudo mais. A presença de um Imperador, monarca reinante, que viajara mais de 10 mil quilômetros para prestigiar os festejos, deu um toque muito especial ao acontecimento. Além da distância percorrida desde o dia da partida, no Rio de Janeiro, D. Pedro II e seus acompanhantes viajaram, em 88 dias, outros 15 mil quilômetros dentro do território dos Estados Unidos. E, embora entre os visitantes ilustres sobrassem presidentes, D. Pedro II era, naquela ocasião, o único monarca reinante em todo o continente americano.

Na cerimônia de abertura da exposição, estando presente o casal Imperial do Brasil e o casal presidencial dos Estados Uni-

dos, ambos os chefes de Estado trocaram seus pares, como determina a etiqueta ou protocolo oficial, de modo que D. Tereza Cristina apresentou-se de braço dado com o Presidente Grant, e a primeira dama estadunidense, Julia Dent Grant, deu o braço a D. Pedro II.

Apenas como lembrete ou curiosidade, para quem interessar, o famoso Hino Nacional dos Estados Unidos da América – *The Star Spangled Banner* – (A bandeira listrada-estrelada com letra de Francis Scott Key) já existia naquele tempo certamente, pois data de 1814, o mesmo ano de incêndio e ocupação de Washington pelos

ingleses, porém não possuía ainda o *status* oficial de Hino Nacional, o que somente ocorreria no século seguinte, em 1916, por decisão do Presidente Thomas Woodrow Wilson. Ainda assim, o Congresso dos Estados Unidos somente oficializou o hino em 1933,

ou seja, 119 anos após sua composição.

Domingo, 25 de junho, D. Pedro II visitava pela segunda vez a Exposição Internacional de Filadélfia, mostra esta comemorativa do Centenário da Independência. Cada país participante montara um pavilhão e havia muito o que ver. No pavilhão dos Estados Unidos, país anfitrião, o Imperador do Brasil se avistou com alguém que já havia conhecido anteriormente: o inventor escocês Alexander Graham Bell. Fora em Boston, capital do Estado de Massachusetts, 16 dias antes. Naquela ocasião, Bell exibia um aparelho que deveria permitir audição aos surdos-mudos e que funcionava eletricamente. Agora, em Filadélfia, a atenção de Sua Majestade era, mais uma vez, atraída por um outro aparelho do mes-

Embora entre os visitantes ilustres sobrassem presidentes, D. Pedro II era, naquela ocasião, o único monarca reinante em todo o continente americano

mo inventor. Dessa vez, Bell demonstrou para o Imperador um curioso e complexo aparelho a que dera o nome de *telefone*. Na ortografia do idioma inglês, o nome é *telephone*. O *telephone* permitia, através de um fio elétrico de baixíssima tensão, a comunicação vocal (ou verbal) entre duas pessoas situadas a distância.

“Santo Deus! Isto fala!”. A exclamação do Imperador do Brasil ao ouvir a voz de Alexander Graham Bell ao telefone ficou imortalizada.

Hoje o telefone consiste em uma das invenções mais corriqueiras de nossa rotina diária. E é também um utensílio de capital importância nos *affairs* rotineiros das Forças Armadas, da defesa nacional e, muito mais ainda, do mundo da indústria, do comércio, da prestação de serviços, dos negócios em geral e, provavelmente, muito mais ainda em diálogos frívolos e comunicações amorosas. E *et cetera*. Nos dias do nosso presente, já se tornou corriqueiro o uso da chamada telefonia celular, pequenos telefones portáteis, alimentados à bateria, cuja função de telefone é apenas uma entre várias outras, ao contrário dos corriqueiros telefones fixos.

Nos dias da *Expo* de Filadélfia, o inventor escocês estava participando *hors concours* ao expor o seu invento de futuro tão promissor. Entretanto, coitado, “jazia” ele, por assim dizer, desprezado, ignorado e esquecido num canto, com sua mesinha que servia de suporte ao desconhecido primitivo e estranho telefone. E ninguém lhe prestava a mínima atenção. Os visitantes estavam olhando fascinados para outras atrações, que muito mais enchiam a vista. E também ninguém sabia para que servia aquela pequena e estranha geringonça.

Porém, quando viram ninguém menos que o Imperador do Brasil junto à mesinha, e de prosa com o inventor, as atenções gerais começaram a convergir curiosamente para o local. E quando ouviram a exclamação de D. Pedro II, ao testar o aparelho, a notícia espalhou-se como incêndio em floresta seca. A seguir, inevitavelmente, convergiram para ali os repórteres e jornalistas. E foi assim que historicamente, involuntariamente, D. Pedro II tornou-se o primeiro divulgador da utilíssima invenção.

A título de esclarecimento, convém citar que as despesas e os custos referentes às viagens imperiais, como a mencionada

Involuntariamente, D. Pedro II tornou-se o primeiro divulgador da utilíssima invenção - o telefone

no presente trabalho, as anteriores e as posteriores, ainda que as viagens fossem rendosas para o interesse geral do Brasil, para a economia nacional, no tocante às importações e exportações, quer

dizer, para o comércio exterior em geral, e de interesses de ordem política, militar, de defesa nacional ou de ordem cultural, não eram nunca debitadas ao erário, ou financiadas com verbas especialmente votadas para tal fim. Tais despesas eram, em sua maior parte, custeadas por subsídios regulares, a que tinha direito constitucional a Família Imperial do Brasil, e, em parte, por patrocinadores de setores públicos ou privados (ou ambos) dos próprios países visitados.

Na segunda semana de julho chegava ao fim a viagem imperial. A impressão geral deixada pelo Imperador do Brasil não podia ter sido melhor. Os elogios, certamente sinceros, estavam patentes nos órgãos da mídia das mais diversas tendências. Havia também, por exemplo, o ineditismo do fato de D. Pedro II ser o primeiro monarca reinante a visitar os Estados Unidos. O país tinha já sido objeto de visita de herdeiros

de tronos, postulantes, príncipes, futuros reis e futuros imperadores, bem como de monarcas destronados – nenhum, porém, em pleno exercício de suas atribuições e funções monárquicas. Sua Majestade Imperial D. Pedro II do Brasil foi, sem dúvida, o primeiro. Aqueles que imaginaram um soberbo imperador, pomposo e solene, metido num garboso uniforme de gala de marechal ou de almirante, carregado de medalhas e condecorações, com uma pesada espada metida em uma ornamentada bainha, viram, em vez daquilo tudo, um homem idoso, barbado, de aspecto muito digno, porém muito

simples, em traje civil, de modelo usado por toda gente, com um chapéu de feltro em nada especial, no conjunto a própria encarnação da modéstia. O ano de 1776, ano bissexto, portanto ano de eleição presidencial, seria, no segundo semestre, um tempo de “feroz” campanha ou disputa eleitoral. De brincadeira, o jornal *New York Herald* publicou o seguinte comentário: “de nossa parte, nomeamos D. Pedro II e Charles Francis Adams para presidente e

vice-presidente. Estamos cansados de gente comum e sentimo-nos dispostos a apoiar gente de estilo ...”.

Nova York, quinta-feira, 12 de julho de 1876. Suas Majestades Imperador e Imperatriz do Brasil, D. Pedro II e D. Tereza Cristina, mais 11 pessoas da comitiva, estão de partida de Nova York e dos Estados Unidos. Viajam para a Europa. No RMS *Rússia*, navio da empresa britânica

Cunard, foram reservados quatro magníficos camarotes, e mais acomodações para os criados. O Imperador e seu séquito deixam o Hotel Buckingham, na Rua 5 7, nesta manhã muito quente de verão

Sua Majestade Imperial D. Pedro II foi, sem dúvida, o primeiro monarca reinante a visitar os Estados Unidos

boreal. Dirigem-se de carruagem para a doca exclusiva da Cunard, no West Side, junto ao Rio Hudson, onde embarcarão no *Rússia*. Quando o navio, descendo o Rio Hudson, passar ao largo de Battery, na extremidade sul de Manhattan, uma série de detonações retumbantes de mais uma salva de tiros de canhão indicará, melancólica e nostalgicamente, os derradeiros momentos do Imperador do Brasil, D. Pedro II nos Estados Unidos.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<VIAGENS>; Visita aos EUA; Pedro II;

BIBLIOGRAFIA

LYRA, Heitor. *História de D. Pedro II*. 3 volumes. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1977.

GOUVÊA, Fernando da Cruz. *O Imperador Itinerante*. Recife: Secretaria Estadual de Cultura de Pernambuco, 1978.

CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II*. 5 volumes. São Paulo: José Olympio Editora, 1975.

GUIMARÃES, Argeu. *D. Pedro II nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1961.

WILLIAMS, Mary Wilhemine. *Dom Pedro Second the magnanimous Emperor of Brazil*. Chapel Hill – The University Carolina Press, 1937.